

REFLEXÃO SOBRE: MÚSICA POPULAR, FILOSOFIA PRÁTICA, ARTE, RELIGIÃO: VERDADES NOS MITOS?

Arlei de Espíndola¹

Resumo: esboça um ponto de contato existente, em razão do instinto de preservação, entre fazeres diversos em sua origem como o são as artes, em geral, música, filosofia, e religião, enquanto algo que brota do coração, do sentimento, originariamente, representando algo vivo, forte, impactante, como um bom prato quando sai do forno, antes de começar a esfriar, travando o despertar do apetite. Nestes diferentes âmbitos, de início, tem-se, de maneira inevitável, o encantamento do próprio mundo, fortalecendo-se a esperança, depois, este, avança, esfria, gela, morre.

Palavras-chaves: movimento de resistência natural, busca de sentido, unidade cósmica, modos de expressão.

REFLECTION ON: POPULAR MUSIC, PRACTICAL PHILOSOPHY, ART, RELIGION: TRUTHS IN MYTHS?

Abstract: outlines a point of contact that exists, due to the instinct of preservation, between actions that are different in origin, such as art, in general, music, philosophy, and religion, as something that springs from the heart, originally, representing something alive, strong, impactful, like a good food when it comes out of the oven, before it starts to cool, stopping the awakening of appetite. In these different areas, at first, there is inevitably the enchantment of the world itself, hope becomes stronger, then it advances, cools, freezes, dies then it cools, freezes, dies.

Keywords: natural resistance movement, search for meaning, cosmic unity, modes of expression.

402

Considerações iniciais

Para efeitos de introduzir o alvo que desejo chegar, transcrevo o texto completo, de início, da “*Apresentação*” realizada em 2022, para meu livro editado pela Appris, indicando o caráter autêntico de Rousseau que precisa ser levado em conta, ainda que o artigo, aqui, não vá ficar apenas na esfera das fontes teóricas e seus reflexos, mesmo atuais, pesando interlocuções, exegeses, e o aspecto propriamente multidisciplinar, seu caráter nuançado e multifacetado, desenvolvido no âmbito, por assim dizer, de uma certa “filosofia da cultura”:

J.-J. Rousseau (1712-1778) alcançou um nível intelectual invejável desenvolvendo, de modo autodidata, sua formação lendo, da tradição antiga e moderna do pensamento ocidental, vários autores. Elencar-se-ia um quadro expressivo de nomes, se quiséssemos enumerar. Mas importam-nos, de momento, em virtude da necessidade de delimitação do espaço que se tem aqui reservado, aqueles que contribuíram na formação de suas ideias, servindo-lhe como fonte de um modo mais significativo. Isso porque esse encaminhamento parte da premissa de que, ao recorrer-se a essas fontes de leitura do autor, podemos ampliar nossas ideias, alargar nossa compreensão, sobre a obra de Rousseau, com o lançamento de luzes sobre seus textos, sendo esses bem identificados, assim como o próprio Rousseau haverá de beneficiar, todavia, aqueles que o lerem seguindo, contemporaneamente, suas mais lúcidas instruções e seu caudal de conceitos. E essa é uma prática que ainda pouco se realiza, preferindo-se aceitar as ideias rasas

¹ Prof. Assistente do Dep. de Filosofia da Univ. Est. de Londrina/PR. Mestre e Doutor em Filosofia pela Unicamp. Estágio Pós doc. na PUC/RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2126-8933>. E-mail: arleiespindola771@gmail.com.

de quem foge da escrita mais encorpada conquistando um espaço na tradição como se o pensador e o cientista credenciado surgissem por força do vento toda hora, aceitando-se essas trivialidades de saberes de que todo mundo dispõe.

Pois, ao fazer esses esforços, valorizando seus estudos, vemos o filósofo de Genebra render homenagem a quem julga merecer, mas também procura dar seu próprio passo à frente, abandonando a subordinação, construindo seu algo original, objeto desta síntese de quem tria bem o que interessa. Se ele refere sua admiração, por exemplo, por Plutarco, mesmo que a influência não seja proporcional à quantidade de vezes que ele menciona um autor, entendo que vale explorar esse nexos com o estoicismo, em especial os textos de Sêneca aqui, para o qual ele parece manter um bom débito, embora almeje, apesar de desejar, constituir-se em um filósofo que reflita por sua conta propriamente, mas sem desmentir ele mesmo, o que vale semelhante estudo, que agora se faz ainda mais oportuno, pois o papel de mediadores da cultura brota enquanto algo que bem lhes cabe aplicar.

Esse Iluminismo a que Rousseau dá forma não aceita o estado, a condição, mais cômoda de ficar, no fim, isolado do mundo, precisando mesmo avançar da ignorância sem entender, por empáfia, por arrogância, que se estabelece enquanto a única sabedoria, a única referência, revelando-se não dogmático; isso porque busca se conectar com as coisas concretas, do mundo e da vida, para buscar essas constantes reelaborações, visto ser produto dessa demanda do sempre fazer-se, constituir-se, por força das novas exigências sempre apresentadas para guardar, para conservar, algum sentido, verdadeiramente – algum veio na rota –, da esperança, da unidade, da sintonia entre os humanos, sem se anular, de todo, podendo haver diálogo produtivo, que é algo muito necessário (Espíndola, 2022, p. 15-16).

A

Então, avançando a escrita, deixo por ora, o quadro da filosofia de Rousseau, recupero o registro, de espanto, admiração, de Renata Lo Prete, ao fechar o quadro no JG de ontem, dia 26/01, em que foi entrevistado Zeca Pagodinho, para afirmar que sempre tem um fundo de verdade no mito criado em torno do artista popular, do grande cantor, que se apresenta para o grande público.

Mudei meu conceito, não obstante, com relação a este cantor popular, pois vi ali todo o mérito daquele que se mostra, de maneira espontânea, ao descrever sua trajetória bem sucedida ao unir gerações em torno de sua música que, expressão de um grupo, caracterizadamente, próprio, de pessoa, impacta aos jovens artistas do mesmo gênero.

Note-se que antes deste registro, com efeito, tínhamos em mente a figura mais esparsa, vaga até, na lembrança, do criativo, enigmático, e misterioso até, Chico Buarque de Hollanda, que também é parte neste sentido, que Regina Zappa (1999) ajuda a entender em “*Chico Buarque - para Todos*”, este livro, notadamente imperdível.

No meu esforço de desenvolver uma reflexão sobre a filosofia da cultura, começado no contato com a filosofia moderna e, depois, contemporânea, foi com Chico Buarque que pude primeiro compreender o valor de aproveitar-se a existência de um bloco de notas; trata-se da obra produzida por ele mesmo, que aqui, claramente, empreendemos, realizamos, um gracejo, cuja

leitura ele sempre recomendaria que se [re]fizesse, julgando este estar entre suas melhores obras.

Ai encontro o germe de sua produção, de suas composições musicais, seus textos literários, que floresceriam, brotavam, de motivações inconscientes, de inspirações escusas, alheias, estabelecidas justo às madrugadas, quando vem, acorda, depois, levanta, a fim de anotar, compilar, imprimir, para moldar ao jeito, digamos, que se torna compreensível ao do mundo vigio!

Chico, com efeito, é este testemunho vivo, notadamente, do homem que cresce entre duas cidades, dois mundos, gerando uma obra, a um só tempo, 'popular' e 'fina', visto que sai da ação de um homem sensível, profundo, e também simples, chegando a seu intento um pouco por acidente, igualmente a Zeca, ou mesmo, no campo especulativo, mais, ou por Rousseau, ou, contemporaneamente, quem sabe, Sartre, na filosofia, no quadro da sua arte, maior, aí radicando motivo e fonte de toda beleza, abrigando, finalmente, o que é bonito.

Não há como negar, temos aqui o princípio da *humanitas*, disposto à integridade do homem, efetivado pela elaboração de cunho estético que, nos começos, confabula, querendo-se ou não, com Marx & Engels, isso convencionalmente falando, ainda que se resista a assim pensar, enquanto algo mais amadurecido, em um plano inicial de conversa, conectando-se a cultura com a política e vice-versa, na certeza de que se tem uma intenção estabelecida por uma causa maior, quase sagrada, delineando-se ante o sonho, ante um ideal utópico, no desejo de chegar a verdade, a concreta felicidade, a plenitude, que é a arte que nos possibilita acreditar, ou, antes, que a fé que permite consumir.

B

Terminamos por fundir a especulação toda, no geral, voltando ao século XVIII, enquanto peça de música, marcada pela perfeição vocálica, literária, centrando-se, com o restante, na esfera melódica, tornada base maior, após a crise do pensar cartesiano inicialmente, pondo a linguagem, esta última sobretudo, enquanto grande paradigma, do pensamento pré-crítico das Luzes, no início da modernidade, contendo germe, inclusive, de existencialismo, já, neste contexto, configurado, aliás, doutro modo.

E é assim, igualmente, que a escrita confessional e autobiográfica, com seu caráter literário, romanesco, não assente enquanto um lugar à margem, periférico, separado, visto que é ai que é recortada a sublimidade de semelhantes registros, superando o lado lúgubre, melancólico, desolador, para baixo, que lhe caracteriza, convencionalmente, de início, sobrepondo-se

semelhante registro, o qual carrega sua forma própria de engajamento, revelando-se, agora, como tomada de partido, e ação transformadora, focalizando trunfo, redentor, ao final, com sucesso.

É deste mesmo lugar, em suma, que também se subtrai seu plano inspirado, alvissareiro, anunciando o colorido da vida, requerendo a criatividade do agente, sendo posta em curso, vendendo por este outro âmbito. Quer dizer, carrega o valor de dissidência, de relutância, de protesto, esperança de êxito, de seguir a senda que é propriamente sua, valendo a pena esperar, requerendo ser olhada, igualmente, pelo conjunto da obra, da qual subtrai-se esta unidade que é consumada de suas ideias, fazendo-o autenticamente, a meu ver, de Rousseau, em especial, um filósofo .

Mas D.W. Hamlyn, de sua parte, escreve:

Ocasionalmente se diz que Rousseau não foi um autêntico filósofo. Fez sem dúvida alguma parte do Iluminismo na esperança de que um mecanismo pudesse ser construído para promover o bem-estar humano – e foi um philosophe nesse sentido. Infelizmente, seu confuso otimismo é vulnerável ao abuso, como demonstraria a história subsequente, tanto intelectual quanto prática (1987, p. 254).

Lê-lo é que a nós permite notar, explorando a perspectiva da unidade da obra, que ele tem um problema teórico em mãos, e é isto que o faz realmente um filósofo, no modo como posso então entender!

Pessimismo e otimismo não seriam atributos suficientes para definir um autor como filósofo, como especulador, mas sim se este consegue ter um problema teórico enquanto móvel especulativo, e Rousseau o tem mesmo que esta identificação passe por este entendimento de que não há uma separação nem branda, nem vigorosa, das obras. O que quer dizer que vale parafrasear Jean Starobinski, o qual indica ser mais acertado estudar seus textos como eles nos aparecem neste turbilhão, neste sério e abrupto pinga-fogo, entre a vida pessoal e a questão objetiva, que se mostra presente, sem maiores preparativos. Desfaz-se a ideia de que ele constrói seu pensamento, para o bem ou para o mal, desde uma devida ordem, podendo ser um prejuízo esta lógica que, em verdade, é das emoções, dos sentimentos, mas concedendo a ele, a bem falar, toda a diferença, fazendo-o “artista” e “filósofo”. E isso sem desmerecimento para o que possa haver de prosaico, de abstrato, de matemático, com teor só argumentativo, eminentemente, na escrita, como o desenrolar, digamos, da vida e das paixões, sendo bem vindo, como, efetivamente, é manifestado.

Ou seja, este persegue a unidade, entende que esta existe na obra, mas reconhece, assumindo-se na sua abrangência maior, que não se vê tal como surge em Descartes, ou, em Kant,

dentre outros. Este crédito lhe é dado por Franklin de Matos (2001) que acaba de nos deixar, havendo falecido ao término da primeira semana de julho, vendo-o como o intérprete que alcança um nível mais elevado de abrangência, recusando, aliás, o apelo estrito ao famigerado gênero vida e obra, visto que os mistérios e enigmas são ainda maiores, não se explicando tão facilmente, ainda que possa, de modo parcial, dar conta.

A religião, a crença, a fé, a esperança da interferência do milagre, não obstante, é encorajadora dos agentes, tornando-se, de sua parte, uma certa militância, um devido sacerdócio, levando-os a seguirem mobilizados, unidos em torno da ideia, de modo a poderem ter com que comemorar logo a frente, pois o trunfo requer esta concentração em torno da meta a atingir. Ou seja, é justo por muito mirar um devido efeito, por ser algo mais efetivo, que a pena do escritor delineia seu caminho, seu desdobramento, fazendo-se algo do plano, igualmente, das artes mais criativas, se assumindo como substrato que carrega, leva, possui, o tom da aplicabilidade.

C

Torna-se cabível arguir que é a paixão, o coração, entretanto, que estabelece o nexos, forma o relacionamento, cria o vínculo, com o dinamismo, o movimento propriamente dito, afastando a inércia. É “somente a paixão (que) nos faz agir” dir-nos-á Rousseau (1969, p. 453), no influente *Emílio* ou *Da educação*, no revigorar e alargar das possibilidades humanas, anteriormente, muito mais encolhidas, prontas agora, para abandonarem este estreitamento que era, aliás, cada vez maior, e aqui, em tal escrito, encontra a real expansão. Estas “são os principais instrumentos de nossa conservação: é, portanto, empresa tão vã quão ridícula querer destruí-la. É controlar a natureza, é reformar a obra de Deus.” (Rousseau, 1969, p. 490), quando acontece de aparecer, aliás, ganhando a cena e vindo se apresentar como pré-crítico das luzes, ao condenar veementemente o dogmatismo, os excessos de matemática, do racionalismo abstrato, ou seja, este apelo de fazer-se intelectualista, de se tornarem prepotentes.

Presentemente este exercício do ato confessional, ganhando outro tom, é algo que influencia o leitor, mostrando que tirar proveito do que se aprendeu está em jogo, sendo a busca do pensado efeito, devido resultado, levando tal escrita a séria avaliação, indicando que este âmbito, na pena dos autores, não é inferior, tal como pensa Grimsley (1993), parafraseando-o aqui, aos supostos trabalhos didáticos, sugeridos, por não articular conceitos, teorias. Pois volta ao ponto do escrito, neste momento, que encaixa o propósito do artista popular, da religião da natureza, da esfera

cósmica, na sua origem, da filosofia de tipo prático, aspirando, pleiteando, a popularização, o fazer mais simples e direto.

Tzvetan Todorov (1985) quer que o contato, finalmente, com os escritos o auxilie, o dê recurso, o instrumentalize, para viver melhor, para se aproximar de seus sonhos acalentados, dos quais necessita, a fim de estar situado, de todo, neste mundo.

Veja-se as *Confissões*, deste exegeta, que se revela importante, notadamente, sobre este convergir do autor e da trajetória, respectiva, que desenvolve de mudança nas suas impressões. “A leitura a que me dedico [dos textos] tem, pois, uma finalidade que não é filosófica nem literária (ainda que tenha tirado proveito dos comentários que literatos e filósofos tenham dedicado ao mesmo autor). Caso tenha que lhe dar um nome, a chamaríamos, antes bem, prática” (1987, p.11).

Ao acessar J.-J. Rousseau, hoje em dia, afirma o referido e prestigiado comentador. “Não podemos menos que assinar-lhe uma clarividência profética. Seus adversários diriam que todavia não nos temos livrado dos mitos que nos há encerrado” (1987, p. 11). Mas é evidente, para este aqui, que seu pensamento não vai ganhar, ou assumir, esta frieza do cálculo, e há quem diria que ele consegue mesmo corrigir-se, quando precisa encontrar a porta, que conduz do âmbito da consciência, ao plano, da racionalidade lógica, consumada.

Percebo, assim, no que haverá de se constituir tal presença, da lei e da própria autonomia, enquanto indicativo de amadurecimento, de reivindicação de direitos, de recusa do plano antes, mesmo, natural, espontâneo, transparente, cristalino, gerando crescimento, avanço, em relação ao mérito individual deste, edificando propriamente a cultura, ancorando na fonte irradiadora, fixa, imutável, aceita, cabível.

D

Ao assumir, presentemente, este resultado agora efetivado, Todorov (1987) indica como se deu esta mudança de impressão acerca de sua escrita, reconhecendo o modo como se estabelece seu papel ativo, dando-nos a clareza de que é possível se colocar junto com ele na empreitada, bastando não abraçar o preconceito que seria abominável.

E este junto aqui significa ler seus textos, corretamente, dando-se, por ora, a orientação de como há de ser assumir a verdade dos mitos, assimilar a religião de cunho natural, associada ao coração, mergulhar no profundo que vem da poesia, mesmo que a linguagem seja simples, tal qual o são os poemas populares, ou talvez mesmo, neste saber, importante, de espírito enciclopédico,

também focado em o garantir a vida. Este discurso de tipo subjetivista, e também, n'alguma medida, direto, objetivo, pragmático, unificador, conecta, a bem dizer, a verdade, sendo uma espécie de fator que a nós tende a levar ao eterno, ao que para sempre fica.

Vale a pena a transcrição, final aqui, correto dizer, afirmar, é bem verdade, da passagem, para melhor explicar este assunto:

Sem embargo, durante muito tempo, experimentava certa reticência frente ao pensamento de Rousseau. Ainda que admirasse sua dicção – grande eloquência, melhor dizendo -, me sentia molestado pelo que se me manifestava como uma consciência extremista, até o dia em que compreendi que o que tomava pelo extremismo de um pensamento só era, em realidade, sua intensidade. Rousseau pensa de um modo tão intenso que ao instante logo percebe as premissas distantes e as últimas consequências de cada afirmação e nos comunica. Mas isto não quer dizer que ele assuma tudo o que diz. É certo que me havia deixado enganar, precisamente, pela aparente simplicidade de sua linguagem: acreditava entender cada oração em si mesma e ousava perguntar-me por sua categoria no sistema total de Rousseau. Uma vez feito este descobrimento, as barreiras se desfazem: não porque lhe dê a razão de todo senão porque aproveito sua força para tratar, de pensar, por minha vez (1987, p. 11-12).

Quer isso dizer, ao fim e ao cabo, buscar pensar por nós mesmos.

E

Veja-se o quanto é imprescindível retomar a leitura de Rousseau e avaliar o “*lugar verdadeiro*” desta escrita. Não seria à toa que ele define suas *Confissões*, em algum ponto de sua narrativa, enquanto seu “*melhor escrito*”. Ante esta constatação, pude abandonar o equívoco de achar que devesse completar a pesquisa para publicar meus últimos dois livros autorais sobre Rousseau. A verdade que a todos pertence é um lugar-comum, dispensando a vaidade, sendo seu móbil o ato criativo, dispensando render-se a moda, deixar o que não inquieta, apesar de a seriedade lhe ser bem cara, mesmo segurando o riso, com atropelos, efusões, aceitando devidas formalidades, sem contornar alguns protocolos, etc.

Que o Chico Buarque de Hollanda, por outro lado, define, numa entrevista, seu bloco de notas, para aqui completarmos, enquanto seu trabalho preliminar a ser relido, sendo ele neto de quem produziu um valioso dicionário, bem expressivo na língua portuguesa; que o Zeca Pagodinho possa ser apreciado com sua fala e seu canto popular; que a *mitologia grega clássica* tenha este lugar, por outro lado, na obra de um Francis Bacon, sendo a nós direcionado para a força que estes carregam, compreendendo que subtrai daí igualmente um acalentado poder, a seu modo, fazendo-se suficiente para aquele momento em que aparece, vivo, ativo; que a escrita *autobiográfica* ganhe,

finalmente, outra conotação em Lukács, movendo-se em torno do trabalho teórico e político também, tendo uma tal escrita, aliás, este caráter enciclopédico, não exatamente narcisista, apologético, e mesmo revelador de patologias sérias, ou do estado de depressão, que envolve-a muito vezes, e que se estaria acostumado a se acreditar que é reduzida a isso, servindo para aliviar sofrimentos, desde o caso Rousseau, por um esforço maldoso e ideológico, preconceituoso, reducionista, negativo até, para a inteligência humana, mergulhada, todavia, nos seus textos, na intenção de preservá-lo, mas, aqui, positivamente!

Aliás é afirmado por Luciano Acciolly Moreira e Talvanes Maceno, na nota editorial, do texto traduzido, de Lukács (2017), e publicado pelo Instituto Lukács, contemporaneamente: “Fique lembrado de que toda a sua vasta bibliografia é toda ela pontilhada por numerosos escritos autobiográficos” (p.8) ainda que “*Pensamento vivido. Autobiografia em diálogo*” tenha sido fruto de entrevista, como outras que empreendeu, este aqui, no entanto, quando já estava muito debilitado e impossibilitado para escrever, demarcar limites, diferenciando verdade de falsidade, que muito gostaria de fazer.

Este autor marxiano, inclinado a desfazer a ortodoxia marxista, ainda que marxista, sabe do valor desta escrita, contendo tal natureza, por fim, servindo de base, até, à dimensão ética, passando por uma espécie de estetização da existência propriamente, ainda que, por Rousseau, possa ser pensada, também, ou mesmo antes, como algo mediado, por uma ordem racional, *a priori*, ligada a um imperativo de cunho moral, mesmo que o processo de secularização e de laicização, da existência, não seja, ai, de todo negado. Isto embora a devoção religiosa também tenha seu lugar na vida de um homem que circula, ao mesmo tempo, entre pensamento e existência, sem temer avaliar-se, como lhe é permitido, pensar, nas diferentes ocasiões, devidas, apresentadas, experimentadas, refletidas, e que pode encontrar seja no verbete de música, ou na narrativa, simples, de cada evento, seja nas confissões, o meio de ligar-se com todos os mundos, recuperando, noutro nível, um ordenamento perdido, mas não perdido, por ser renovado, reinventado, suprimido, assumido de outra forma, quer dizer, diferente, etc.

PALAVRAS FINAIS

Esta linguagem, esta forma de expressão, define um prazer, uma satisfação, mas abre o domínio da cultura servindo de móvel para este fazer, ao mesmo tempo, diverso, múltiplo, e que

tanto deleita, quanto instrui, e melhora o homem, enquanto também lhe afasta do que fica sempre no mesmo lugar, indicando esta verdade, igualmente, rousseuniana, de que “*viver é sentir*”, mas sabendo que viver, existir, estar aqui concretamente, não é só sentir, é pensar, é criar, inventar, isto é, revelar um quinhão, pequeno, do que o homem pode construir, edificar, estabelecer, dando brilho ao seu ciclo, neste universo, da cultura, da vida social, que se não é marcado, como o quer acreditar, inclinado mais ao socorro do dogma, por uma essência afixada invariavelmente, de sua natureza, revela, inclusive, o grande poder, pelo contrário, de sua potencialidade, virtual, curtamente reconhecida.

Tão importante como se fazer um agente livre, é valorizar o seu tato para a perfectibilidade que, senão é infinita, pois lhe cabe, aliás, a finitude, da vida secularizada, pelo menos consegue deixar-lhe a certeza de que pode muito se desenvolver. Isso de acordo com sua escolha estabelecida, sua opção criada, e delineada, ainda que o sentido restaurador, da fé, do religioso, não precisaria ser abandonada; poderia um ente conhecido, ou não conhecido, alegrar-se com o que há de dócil, num discurso gratuito, simples, sem fins excessivamente pensados, utilitaristas, senão resignado ao sigilo, ao puro relaxar, a paz, em outros termos, ao descanso.

O que estaria valendo seria, portanto, a harmonia, indo de acordo, então, com a outra versão da escrita confessional e autobiográfica, esta preliminarmente estabelecida, que da mesma forma, aqui, é aventada, claramente, ligando com o caminho de encontrar gosto, estar realmente feliz, confortável, tendo saúde, sabendo que a passagem, que seria o ciclo vital, é para ser vista, de bom grado, tendo algo de diferenciado, notadamente, entre os diversos fenômenos e acontecimentos estabelecidos com nossa gerência ou não, sendo repostos, revistos, critérios já desgastados e que, ao insistirem em se manter, ao final, terminam, em rigor, por atrapalhar.

REFERÊNCIAS:

ACTAS DEL CONGRESO/ANAIS DO CONGRESSO. **Resúmenes/Resumos**. (2024. Buenos Aires, Argentina). Vol. 1, Nº1, CONGRESO DEL GEI-ROUSSEAU. *Rousseau y el Siglo XVIII. Diálogos Ibero americanos*. Buenos Aires, – UNIPE. Goiânia-Go, Fac. de Educ. Vera Waksman et. alii (org).

ESPINDOLA, A. de. **Escopo do admirável; ensaio filosófico e político** [recurso eletrônico]. Porto

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 402 - 413
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

Alegre, RS: Editora Fi, 2022, 211p. (disponível em: <http://www.editorafi.org>).

ESPÍNDOLA, A. de. **Ensaio de leitura de escritos filosóficos clássicos em torno da reflexão ética e política.** São Leopoldo / RS: Editora Nova Harmonia, 2008, 174p.

GRIMSLEY, R. **La filosofia de Rousseau.** Madrid: Alianza, 1993.

LUKÁCS, G. **Pensamento vivo; autobiografia em diálogo.** SP: Instituto Lukács, 2017.

MATOS, F. de. **O filósofo e o comediante; ensaios sobre literatura e filosofia na Ilustração.** prefácio de Bento Prado Júnior. BH: Ed. UFMG, 2001, 267p.

ROUSSEAU, J.-J. **Escritos sobre música.** Valencia: Publicacions de la Universitat de València. 2001.

ROUSSEAU, J.-J. **Émile ou de l'éducation.** OC. Paris: Gallimard, 1969, T, IV.

STAROBINSKI, J. **A transparência e o obstáculo.** SP: Companhia das Letras, 1991.

TODOROV, T. **Frágil felicidade; un ensayo sobre Rousseau.** Barcelona: Editorial Gedisa, 1987.

ZAPPA, R. **Chico Buarque; para todos.** Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Prefeitura, 1999.

411

ANEXO

A Rosana Marques Franco

In memoriam

[28-11-1963 + 01-07-2024- 60

ANOS]

Este escrito, esta reflexão, eu dedico a uma linda mulher que tive oportunidade de conhecer, de conviver, fazendo-se minha melhor namorada, a mais especial, que, sem o saber, não podia suportar um mundo duro, sem poesia. o amor, por ela também nutrido, alimentado, não cabia em palavras, parecendo ser a recíproca verdadeira.

Ontem pela manhã, ela, ao entrar no segundo semestre do corrente ano, veio a falecer, encerrando seu ciclo de vida aqui, depois de ter início, em dezembro passado, o quinto ano de

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 33	Maio – Agosto 2024	p. 402 - 413
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

sofrimento, com um câncer, primeiramente ósseo, que é sempre terrível.

Até nisto o fazer bárbaro, conservador, político, de estarrecer, cometeu sua crueldade, mas enfim, descanse em paz, você é muito maior. e tudo foi como era para ser, neste breu, lunático, das ondas.

Muito me conforta olhar, ver, observar, notar, que abandonaste este sofrimento, e que pessoa, especial como você era, realmente, não merecia, de jeito nenhum, experimentá-lo por mais tempo.

Enfim, desejo que esteja bem, que vá em paz, porque, de fato, você vai ser lembrada com muito carinho sempre.

Adendo

Ao recordar, segundo Agostinho de Hipona, e dizer “a vida continua, linda e bela como sempre foi”, cabendo a “você que aí ficou, [seguir], em frente”, mesmo que o pedido feito, alguns dias antes, que não desistisse da vida, mais uma vez, tivesse adiantado sobre a dificuldade colocada presentemente, vindo a falecer em seguida, tenho-a, enquanto alvo de uma boa lição, pois isto se deve ao fato de que não vivemos no melhor dos mundos, insiro os temas e questões, então, de pesquisa, cujo o interesse é dominante, comunicando ao público leitor:

412

Assuntos e autores

Lê, pesquisa, conserva interesse, pelas diferentes, filosofias, desenvolvidas no século 18 francês. Neste sentido, importam autores antigos, modernos e contemporâneos, sobretudo, se contribuem com a reflexão de Rousseau ou trazem: eco, reflexo ou recebem influência, dele, em qualquer plano, pois é o especulador de interesse central. Filosofia prática: moral, ética, política, estética, educação, religião, sempre foram o âmbito de preocupação, devido o potencial majoritário de tais autores. Mas Rousseau, por um lado, define a direção; por outro, a própria ideia de colaborar com área, de acordo com a necessidade, pela demanda.

Ganha realce, de início, o estoicismo romano, em especial, o filósofo Sêneca, seguido de Epiteto e Marco Aurélio; também o epicurismo. Ultimamente, a filosofia confessional e autobiográfica de Santo Agostinho, nome chave da patrística. Dentre os enciclopedistas: Diderot & D'Alembert, Montesquieu, Voltaire, Condilac, Condorcet, e os seus pares, todos.

No pensar contemporâneo, do século XIX: Ludwig Feuerbach, com a crítica da alienação religiosa, ética, filosofia do futuro, antropologia; Nietzsche acompanha a leitura, vindo observar a moral que vigora no ocidente, o racionalismo abstrato. No século XX: primeiro, Karl Jaspers; depois: Ortega y Gasset, Miguel de Unamuno (existencialistas de orientação cristã); um ímpeto menor, para Sartre, ainda que francês. Devido a Rousseau, sempre acompanha - nossas pesquisas - a recepção de Kant e Cassirer também, o que tem levado a aumentar a curiosidade por esses autores, no ponto auto do iluminismo, e adjacências.

Por fim, desponta a meditação sobre a cultura, estudo da linguagem, reflexão sobre a arte, estética, em função também, da necessidade, de auxiliar, explorando contribuições, igualmente, agora de G. Lukács, no seu empenho de se fazer original, em sentido filosófico, na renovação do pensamento marxiano, mais ainda, com sua estética e o pensar desde o cotidiano, com o recurso ao aprendizado da criação popular. Aqui implica em ir em frente, fazendo-se avesso ao dogmatismo, paralela e de maneira inevitável à leitura de Hegel e Marx, mesmo com o discurso denso e, às vezes, obscuro e difícil, que os caracteriza, pelo lugar que ocupam.

Atualizando o bloco aqui da contemporaneidade, inclina-se, antes do que a estes autores citados, nos parágrafos precedentes, ficar hoje com, ou Leo Strauss, por um lado, ou, então, Deleuze ou Derrida, agora, para sondar um reflexo mais direto dos efeitos da modernidade, ou, como adesão, ou, como recusa.

Pensadores brasileiros, participam, é certo, do universo de atenção maior: Farias Brito ganhou ênfase um dia, com outros do séc. XIX; da geração atual, gosta de estimular o conhecimento do estabelecido por: Gerd Bornheim e Lima Vaz; também: Luiz Roberto Salinas Fortes e Bento Prado Jr, todos ótimos professores.